



A LITERATURA EM INTERFACE COM AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS: POSSIBILIDADES E VIVÊNCIAS NA SALA DE AULA

Resumo: As reflexões deste texto orientam-se a partir das experiências vivenciadas na disciplina de Estágio Curricular I do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRPE/ UAG. Buscamos investigar a contribuição da literatura para o trabalho com as questões étnico raciais na educação infantil. Para tanto foi realizada uma pesquisa-ação na qual elaboramos e desenvolvemos práticas pedagógicas para a Educação das Relações Étnico-Raciais na perspectiva da lei n.º 10.639/03 e com o objetivo de contribuir para a construção de autoimagem positiva das crianças negras em uma turma de Infantil I. Apresentam-se as metodologias desenvolvidas e os resultados dessas ações e suas contribuições dentre elas as mudanças de concepções e comportamentos preconceituosos e atitudes discriminatórias em relação à estética negra. Evidenciando o relevante papel da mediação dos educadores no uso da literatura para possibilitar uma visão positiva das diferentes características físicas e para valorização dessas diversidades.

Palavras-chave: Educação. Estágio Curricular. Relações Étnico-Raciais.

THE LITERATURE IN INTERFACE WITH ETHNIC RACIAL RELATIONS: POSSIBILITIES AND LIVING IN THE CLASSROOM

Abstract: The reflections of this text are based on the experiences lived in the subject of Curricular Internship I of the Degree in Pedagogy of UFRPE / UAG. We seek to investigate the contribution of literature to working with ethnic racial issues in early childhood education. For this purpose, an action research was carried out in which we developed and developed pedagogical practices for the Education of Ethnic-Racial Relations in the perspective of Law 10.639 / 03 and with the objective of contributing to the construction of positive self-image of black children in a children's class I. The methodologies developed and the results of these actions and their contributions are presented, among them the changes of conceptions and prejudiced behaviors and discriminatory attitudes in relation to the black esthetics. Evidenciating the relevant role of mediation of educators in the use of literature to enable a positive view of the different physical characteristics and to value these diversities.

Keywords: Education. Curricular stage. Ethnic-Racial Relations.

INTRODUÇÃO

O presente artigo discute as atividades realizadas no primeiro estágio curricular do Curso de Pedagogia da UFRPE/UAG. O estágio foi efetuado em uma Creche que está localizada em um bairro periférico do município de Garanhuns-PE e atende crianças em

turmas do maternalzinho ao Infantil II com horário de funcionamento em tempo integral das 07:30h às 17:00h. O referido estágio foi efetuado dividindo-se em três dias de observação e três dias de intervenção, em uma turma de infantil I, com crianças de faixa etária entre quatro e cinco anos.

O tema das relações étnico raciais para o projeto de trabalho intitulado: A literatura em Interface com as Relações Raciais: Possibilidades e vivências na sala de aula foi escolhido tendo em vista as orientações trazidas pelas diretrizes que organizam o sistema educacional brasileiro que apontam a diversidade presente nas salas de aula reflexos da diversidade cultural da sociedade brasileira e a grande parcela de crianças negras presentes na turma em que foi realizado. As diretrizes fazem reconhecimento do histórico de colonização pautada na exploração que contribuiu fortemente para a acentuação das desigualdades na sociedade brasileira em todos os aspectos. E apesar do fortalecimento da democracia e de todos os avanços em relação à conquista de igualdade de direitos, “pesquisas realizadas a partir da década de 1980 têm demonstrado a existência de comportamentos preconceituosos e de atitudes discriminatórias em relação às crianças pré-escolares [...], sendo essas desigualdades relacionadas, em sua maioria, aos seus pertencimentos étnico raciais”. (BRASIL, 2014 p. 7).

Diante disso, faz-se urgente a discussão em todos os âmbitos da sociedade, inclusive nas instituições escolares de Educação Infantil, reconhecendo-se que a sala de aula é um ambiente que reflete a diversidade de pensamentos sobre as relações raciais da comunidade e que deve comportar o constante desenvolvimento de uma prática que possibilite não só reconhecer, mas também respeitar as diferenças estéticas e culturais.

Esta intervenção teve como objetivo geral: Elaborar e desenvolver práticas pedagógicas para a Educação das Relações na perspectiva da lei n.º 10.639/03 em uma turma de Infantil I. Mais especificamente o uso da literatura como ferramenta para contribuir com a construção positiva da identidade e da autoestima dos estudantes afrodescendentes.

O trabalho organiza-se nos tópicos: introdução, caracterização da turma e do espaço observado, bem como a rotina dos sujeitos envolvidos, aplicação do projeto e descrição das metodologias desenvolvidas, análise, discussão e avaliação das ações e, por fim, conclusões

das potencialidades e limitações da intervenção didática que norteiam para melhor esclarecimento dos aspectos teóricos e metodológicos da proposta de trabalho desenvolvida.

SUJEITOS E PROCESSOS: Caracterização do espaço observado

Ao analisar o Projeto Político Pedagógico (PPP) Projeto Político Pedagógico da Instituição Escolar de Infantil (IEI) Instituição Escolar de Infantil e em entrevista com a gestora na qual foi realizado o estágio, observamos que esta tem como público-alvo prioritário crianças com perfil socioeconômico de classe baixa em sua maioria são negras e residem em bairros periféricos próximos ao qual a escola está localizada. Isso se dá porque essa instituição é fruto do Núcleo Santa Terezinha de Apoio a Criança, ao Adolescente e a Família – NUSTACAF, criado em 2003, por um grupo de profissionais liberais de Garanhuns, com o objetivo de atender crianças de Educação Infantil que vivem em situação de vulnerabilidade social. Só após muitos anos, com a saída de alguns membros da fraternidade, passou a ser mantida com os recursos da prefeitura. A turma com a qual realizamos o estágio foi a do Infantil I, composta por vinte alunos, dentre eles, treze meninos e sete meninas com faixa etária entre 04 e 05 anos.

Embora a creche ainda estivesse em processo de reforma e adaptação, a sala é ampla, possui banheiro, mesas e cadeiras de acordo com o tamanho das crianças. No entanto, o banheiro não está de acordo com os parâmetros básicos de infraestrutura para instituições de educação infantil (2006). As cadeiras geralmente são organizadas em um meio círculo. Há cartazes acessíveis aos alunos, como os números de zero a dez. Bem como cartazes sobre a temperatura do dia, aniversariante do mês, quantidade de alunos, tema gerador, chamada e cantinho da leitura.

Ao longo das observações realizadas na turma do Infantil I notamos que boa parte eram crianças negras e também o apoio pedagógico da turma, mas nos painéis que enfeitavam a escola, os brinquedos e livros paradidáticos disponibilizados na brinquedoteca da instituição não havia representação de pessoas de cor negra. O cartaz do tema gerador chamou nossa atenção. Ao questionarmos a professora se algum projeto com a temática das relações raciais já havia sido desenvolvido por ela, a mesma deixou claro que nunca havia sido trabalhado

nada parecido com a turma. Foi diante de tal constatação que surgiu nosso desejo por desenvolver as estratégias metodológicas da pesquisa.

Além da sala de aula a escola dispõe de mais dois espaços destinados aos educandos são eles: Brinquedoteca e o parquinho. Sobre o primeiro Zabalza (2007) se utiliza do termo “Ludoteca” para falar de um ambiente capaz de proporcionar aulas didáticas descentralizadas. Para ele, a ludoteca é uma biblioteca do brinquedo e, portanto, do jogo cognitivo social, afetivo, este espaço poderia constituir-se um centro de interesse descentralizado, podendo transformar-se em um aliado precioso para uma escola infantil atenta e disposta a estabelecer uma relação de reciprocidade formativa com a ludoteca. Em relação a ambos podemos notar que estes despertam o interesse e fascínio dos educandos por se constituírem como ambientes que promovem atividades didáticas de forma lúdica e prazerosa. Reconhecemos, portanto, a correspondência dos ambientes com o pensamento do teórico e o valor destes espaços para o desenvolvimento do ser de modo a contemplar sua totalidade. Desse modo foi possível observar que o ambiente cumpre seu papel, no entanto, a docente deixou claro que as atividades desempenhadas utilizando o espaço da brinquedoteca eram realizadas com pouca frequência.

A PROGRAMAÇÃO DIDÁTICA: Observações e considerações acerca da rotina na Educação Infantil

A turma do Infantil I era composta por 13 crianças sendo 5 meninas e 8 meninos com faixa etária de 04 e 05 anos como dito anteriormente são crianças que em sua grande maioria vem de famílias com perfil socioeconômico de classe baixa. A professora regente da turma é formada em Pedagogia e possui especialização em Supervisão Escolar e Gestão Pedagógica e atua como docente há 07 anos, o apoio pedagógico da turma é graduanda também do curso de Pedagogia.

Barbosa (2006, p.35) define rotina como “Categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas

instituições de educação infantil.” Nesta perspectiva, observamos, na prática, como a rotina acontece com a turma de educação infantil I.

A organização das atividades desta turma assemelha-se com o que Paniagua e Palácios (2007) caracterizam sobre a jornada típica das salas de aula, enfatizando que:

[...] A organização da jornada é bastante similar entre uma classe e outra [...] quase todos os grupos começam com uma roda de conversa, mais ou menos longa, com mais ou menos conteúdos e com maior ou menor grau de participação das crianças, conforme os casos. Em seguida, passa-se ao trabalho nas cadeiras e mesas: na maioria das vezes é preciso fazer uma ou mais fichas ou outra atividade de lápis e papel. Concluídas essas tarefas, é hora da brincadeira com outro tipo de material. (p. 152)

No ordinário da Creche a rotina naquela turma era composta da seguinte maneira: no momento em que todos os estudantes já estavam presente (até o horário máximo considerado para o início das atividades) a docente pedia que todos se levantassem para fazer a oração do Santo Anjo e todos rezam juntos. Em seguida iniciava-se a acolhida com o momento de música no qual a professora canta com os alunos músicas infantis, dentre as quais podemos identificar: borboletinha, bom dia coleguinha, pintinho amarelinho, dona aranha, entre outras.

Sobre essa prática FARIA (2001) afirma que, para a aprendizagem da música, é muito importante, o aluno conviver com ela desde muito pequeno. A música quando bem trabalhada desenvolve o raciocínio, criatividade e outros dons e aptidões, por isso, deve-se aproveitar esta tão rica atividade educacional dentro das salas de aula.

Sendo assim, foi possível observar que na mesma perspectiva, a professora se utiliza da música como recurso didático para atender a vários propósitos, como formar hábitos, atitudes e comportamentos, dentre eles podemos destacar os hábitos de higiene quando ela canta a música cujo trecho diz que “[...] papel e casca não se joga no chão”.

Após esse momento, a professora abre a porta da sala para que os alunos verifiquem como está o tempo, (ensolarado, chuvoso, nublado) para isso, foi confeccionado um cartaz que fica exposto na parede da sala com os demais cartazes referentes ao calendário e o que indica a quantidade de estudantes do dia. Neste momento a professora também apresenta a data com informações do dia, mês e ano, mostrando no calendário. A medida que os alunos respondem as perguntas sobre as informações a professora registra no cartaz.

A TEMÁTICA DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS: O que dizem os textos legais e o papel da escola

A partir da Constituição federal de 1988 a Educação Infantil é reconhecida como a primeira etapa da educação básica e com seu reconhecimento houve significativos avanços para essa etapa tanto em relação à parte física, materiais e recursos destinados a ela, quanto com relação às práticas desenvolvidas com crianças pequenas. Com a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1999) elenca os princípios que devem ser respeitados pelas instituições. No texto dos princípios éticos as diretrizes esclarecem-nos que as instituições devem promover:

a valorização da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. [...] as crianças devem ser mediadas na construção de uma visão de mundo e de conhecimento como elementos plurais, formar atitudes de solidariedade e aprender a identificar e combater preconceitos que incidem sobre as diferentes formas dos seres humanos se constituírem enquanto pessoas. (BRASIL, 1999, p. 87)

Sendo assim é papel da escola prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as estéticas e as culturas africanas e afro-brasileiras, entre outras, bem como o combate ao racismo e à discriminação.

Tais atitudes foram reforçadas pela promulgação da Lei 10.639/2003 pelo Art. 26A acrescido à Lei 9.394/96 Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional que torna obrigatório a inclusão de história e cultura afrobrasileira e africana nos currículos da educação básica. E, portanto, a Educação Infantil passa a ser também espaço de debate sobre as questões de raça e etnia que permeiam a sociedade brasileira. Tal obrigatoriedade contribuiu fortemente para mudanças nos paradigmas pedagógicos uma vez que os professores são convidados a refletir sobre a situação e o lugar que crianças negras com suas estéticas e culturas ocupam nas salas de aulas e na sociedade em geral e também a desenvolver estratégias de valorização dessas e outras identidades.

E pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais (2004) que visa:

[...] uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros (BRASIL, 2004, p. 06).

A medida que as escolas oportunizam espaços para apresentar a diversidade racial e étnica presente na nossa sociedade e discute as com crianças pequenas as relações entre pessoas de diferentes pertencimentos étnico-raciais no intuito de desenvolver posturas de reconhecimento e aceitação da diversidade contribuirão para que a legislação seja implementada, que os alunos tenham seus direitos garantidos no sentido de construir espaço para todos com suas estéticas e manifestações culturais e que se formem pessoas conscientes de si e da necessidade do respeito para com o outro.

Desse modo, no debate sobre questão racial na sociedade o papel da escola na construção da identidade da criança negra é essencial. Pois, é na relação com o outro, sobretudo na escola, que é o primeiro ambiente fora da esfera familiar no qual a criança estabelecerá relações que a ela começa a construir significações e visões de si própria e do mundo que a cerca. Sendo assim, faz-se essencial questionar e refletir sobre representação de criança que os educadores dessa importante etapa trazem. Fazendo-se necessário formar professores que tenham a capacidade de olhar para a criança não como um ser abstrato, mas que leva em consideração as singularidades de cada criança, percebendo as diferenças entre cada uma e não silenciando-as, pois só assim será possível contribuir para promover condições de igualdade.

Assim como Abramowicz, Oliveira e Rodrigues (2010), considero legítimo discutir a criança negra, notar sua presença na sala de aula não como uma categoria especializada, que legitima uma visão que não apenas “pensa a criança”, precisamos organizar nossos esforços numa abordagem que “vê uma criança”, considerando-a não mais a partir de uma perspectiva universal, mas numa perspectiva singular uma criança e negra. É um esforço de tornar possível refletir as diferenças entre a situação da educação das crianças brancas e negras ao

longo da história. E contribuir para que exerçam em sua plenitude o direito que possuem aos espaços educacionais.

Desse modo, podemos compreender que a função social e política da escola é muito mais do que possibilitar o acesso ao conhecimento científico acumulado pela humanidade ao longo da época. Mas é também preparar os indivíduos para o convívio em sociedade mediante a formação de mentalidades e comportamentos de respeito e solidariedade. Reforçamos nosso argumento embasados por Munanga (1999) ao nos dizer que:

Quando a escola e os/as educadores/as conseguirem superar essa visão, ambos compreenderão que a racionalidade científica é importante para os processos formativos e informativos, porém, ela não modifica por si só o imaginário e as representações coletivas negativas que se construíram sobre os ditos “diferentes” em nossa sociedade. Nesse sentido, a educação escolar, embora não possa resolver sozinha todas essas questões, ocupa um lugar de destaque em nossa sociedade e na discussão sobre a diversidade cultural.

Com tantas mudanças no cenário social e político da sociedade brasileira que indicam abertura e uma caminhada mesmo que a passos lentos para o estabelecimento de um Estado democrático de direito onde todos exerçam a cidadania, rompendo as barreiras religiosas, de gênero, raça, etnia entre outras, cabe a escola ser mais um espaço ocupado por tantos que estão à margem da sociedade. Reconhecemos que a escola não é salvadora, mas que a escola é um ambiente privilegiado de socialização e cumpre, portanto, papel fundamental para que o educando construa uma autoimagem positiva de si e do outro ao propiciar situações de aprendizagem e desenvolvimento das relações interpessoais dentro e fora do contexto escolar que devem ser pautadas em atitudes básicas de aceitação e tolerância da diversidade estética e cultural.

PROJETOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Sobre metodologias e organização das atividades a proposta de trabalho

A primeira intervenção na escola campo de pesquisa foi realizada no dia 02 de agosto de 2017. Nesse dia a sala estava organizada de forma diferente, as cadeiras e as crianças estavam agrupadas em dois círculos, sendo apenas uma criança excluída da disposição em grupo.

Iniciamos o encontro apresentando para os alunos a proposta de mudança na aula do dia e apresentando quais seriam as outras atividades realizadas por eles sob a nossa supervisão. O grupo recebeu a notícia com ânimo, demonstrando aceitação na mudança da rotina, afirmando gostarem de escutar histórias.

Fizemos a leitura do livro **Menina Bonita do Laço de Fita** da autora Ana Maria Machado (2011), no qual a cor preta tem destaque positivo. A princípio fizemos perguntas para saber o que eles imaginavam que o livro discutia.

Após a leitura do livro realizada pela estagiária 1, que se preocupou a com entonação na fala dos personagens, em chamar a atenção das crianças sempre mostrando as imagens de cada página do livro. A medida que ia lendo a estagiária iniciava a reflexão sobre o livro, lançando questionamentos sobre os acontecimentos o que ajudava os alunos na compreensão textual ao fim do livro.

O momento de aprofundamento na reflexão sobre o livro foi realizado pela estagiária 2 em torno da pergunta central que move todo o enredo do livro, pergunta essa muito importante movida pelo desejo do Coelho branco de saber qual o segredo da menina para ser tão pretinha, a fim de fazer com que as crianças percebessem o que a autora quer nos mostrar com seu livro, ou seja, mostrar que somos do jeito que somos devido a nossa descendência, no caso da personagem, sua descendência negra. Sendo assim, nosso objetivo foi, não só introduzir a reflexão sobre as “descendências”, assim como a menina parecia com a avó, nós nos parecemos com a nossa família, mas também o reconhecimento e a valorização das diferenças deles e de suas famílias, bem como para a construção da identidade dos alunos, relacionando suas características físicas a fatores como a descendência, sempre valorizando as características da personagem e identidade étnico-racial negra. Um dos alunos disse eu sou preto igual ela né, tia? Ao que nós respondemos que sim as características físicas entre ele e a personagem eram semelhantes e ressaltamos a beleza de ambos trazendo a fala do personagem coelho quando afirma “ela era linda, linda, parecia uma princesa das terras da África”. O que nos deu espaço para problematizar a estética da maioria das princesas fizemos isso lembrando-os das princesas que eles conheciam como a Elza e outras personagens da atualidade. Uma segunda criança disse ela é preta. Preta é feia! Procuramos chamar atenção

para o comentário sem constranger e castigar o aluno. Perguntamos para ele porque a considerava feia visto que ele também era negro. Questionamos você se acha feio? Ao que ele respondeu que não. Dizendo que não era preto, era moreno.

Após a reflexão, levamos para sala uma atividade que nos proporcionou perceber como as crianças se reconheciam. O enunciado da atividade era: complete o bonequinho até que ele fique parecido com você. A partir dessa sugestão as crianças deviam completar o bonequinho que estava em branco e só com o contorno, usando lápis de pintar para colorir o bonequinho.

Essa atividade se constituiu como um recurso de diagnose para que pudéssemos perceber como os alunos se reconheciam e aceitavam frente as suas características físicas.

A Segunda intervenção foi efetivada no dia 09 de agosto de 2017. Inicialmente apresentamos o primeiro livro a ser trabalhado intitulado: **A Minha Família é Colorida** 2012 da autora Georgina Martins, é um livro que trata sobre a diversidade de aspectos físicos existentes na mesma família. No primeiro momento, fizemos perguntas para saber o que eles imaginavam que teria nessa história, em seguida apresentamos o livro utilizando como recurso o data-show. Após a leitura, tivemos o momento de reflexão, fazendo diversas perguntas, como: 1. O que vocês acharam da história do livro? 2. Essa é a história da família de quem? 03. Qual era a dúvida do Ângelo? 05. Vocês também tem essa dúvida?

Notamos que os alunos tinham a mesma dúvida e também não conseguiram responder ao personagem sobre a manifestação de suas características físicas, pois não conseguiram fazer relação com o parentesco e, portanto, a herança genética dos avós. Sendo assim, iniciamos a explicação sobre a genética, dentro dos limites de compreensão da faixa etária das crianças. Fizemos isso os lembrando da história da aula passada em que a menina “puxou” a sua mãe e por isso nós somos assim porque nos parecemos com nossos pais, com nossos avós e devemos ter orgulho de carregarmos essas características. Dessa forma, abordamos conceitos sobre parentesco, ancestralidade que são fundamentais para a compreensão do texto. A ancestralidade é um princípio que norteia a visão de mundo das populações africanas e afro-brasileiras foi uma forma de fortalecer a identidade da criança negra.

Após esta etapa, contamos outra história, dessa vez utilizamos o livro **Meninos de todas as cores (2003)** da autora Luísa Ducla Soares. Este livro fala sobre a diversidade racial

entre colegas. A leitura foi realizada através de slides com o data-show. Os alunos se identificaram logo no início desta segunda parte da intervenção, quando se depararam com a capa da apresentação do slide, por conter na imagem diferentes tipos de meninos e meninas.

Depois da leitura refletimos com os alunos que os meninos da história representavam pessoas dos diferentes lugares e que assim como eles vivemos rodeados pelas diferenças e que eles podiam observar isso na própria sala dele ao evidenciarmos suas características e, desse modo, sendo muito importante respeitar quem é diferente. Após o momento produzimos com os alunos pequenos bonecos para formar a mesma roda que o personagem do livro fez. No livro o personagem desenha os diferentes amigos que conheceu e desenha-os no formato de roda. A partir desta ideia pedimos para que cada aluno escolhesse a cor de cartolina que mais representassem eles, para que fizéssemos o boneco representativo. Em seguida os alunos com a nossa ajuda colaram os bonecos formando uma pequena roda.

Na última etapa do projeto levamos para a sala de aula o livro **O cabelo de Lelê (2007)** da autora Valéria Belém. O momento de reflexão foi realizado simultaneamente com a leitura, com o intuito de promover o reconhecimento e a valorização das diferenças, bem como, a aceitação das características que é o ponto chave de conflito da personagem, mas que é superado ao longo da história, o que faz essa obra ser reconhecida para a formação identitária. Assim também nosso objetivo foi oportunizar a ressignificação na autoestima com a valorização, não só das características da personagem, mas de todos os educandos. Para tanto, nos valem da pergunta final trazida pelo livro: “E você, gosta do que vê? A partir dela buscamos promover a valorização das diferenças e das características pessoais deles que fazem de cada indivíduo um ser único e que deve amar-se do jeitinho que é.

Após a discussão iniciamos a culminância do projeto, momento de atividade prática, apresentando à turma a “oficina da bonequinha preta”. Demos início explicando para as crianças o que significa uma representação e apresentamos para eles os materiais (e.v.a, colorido, lacinhos, etc.) que seriam usados para construí-la. Em seguida dividimos a turma em dois grupos e ministramos a oficina.

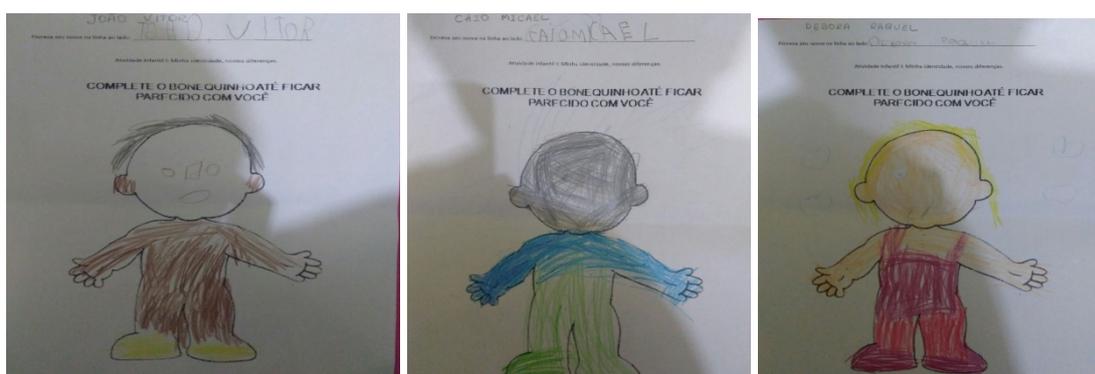
OLHARES SOBRE O FAZER PEDAGÓGICO: a análise reflexiva da prática

Diante da experiência vivida, podemos confirmar nossas hipóteses iniciais de pesquisa sobre a importância de se trabalhar as questões de identidade, diversidade racial, herança de características físicas e culturais desde a Educação Infantil. Provando que este não é um tema alheio na sala de aula de crianças pequenas.

Na análise da primeira atividade a partir dos desenhos podemos notar que as crianças não tinham “problemas” em se reconhecer e afirmarem suas características físicas desde a cor de sua pele, olhos e cabelos, sendo assim, notou-se que suas representações correspondiam a realidade afirmando gostarem de suas características. No entanto, a criança que se reconhece como “moreno” e construiu sua representação com lápis marrom apresentado na primeira imagem abaixo continuou a dizer que a personagem era preta do cabelo arrepiado e feia.

Geralmente a discriminação racial na escola se dá pela aparência, atributos físicos os escolhidos pelos discriminadores para depreciarem o negro. Em muitos casos a criança incorpora essa depreciação evitando sua identidade negra e tudo que a remeter a ela. (GOMES, 2003, p.56).

Desse modo, foi possível notar que desde a mais tenra idade o problema da miscigenação faz com que mulatos não se reconheçam nem se solidarizem com negros. O que acaba por reforçar a discriminação.



Fonte: dados da pesquisa

Já preparadas para a situação a partir da fala, buscamos problematizar e não repreender automaticamente o comentário daquela criança, isso foi feito ao suscitar mais uma vez a reflexão sempre atentando para as falas do livro que traz frases como: “a menina era linda, linda como uma princesa negra”. Problematizamos dizendo o livro fala que a menina é linda, por que você a acha feia? A criança ficou um pequeno tempo em silêncio e depois respondeu: porque sim! A partir da resposta buscando mostrar que na verdade há diferentes belezas e cada um é bonito e especial ao seu modo e com suas características próprias.

Tal atitude confirmou nossas hipóteses iniciais de pesquisa sobre a aceitação e discriminação das características negras deve ser trabalhada desde a Educação Infantil, pois as crianças já trazem suas interpretações sobre o assunto e cabe a nós pedagogos estarmos atentos aos sentimentos e opiniões delas e em postura de diálogo ajudá-los a ressignificá-los quando necessário e construir visões respeitadas para com as diferenças entre as pessoas.

Na segunda intervenção pudemos compreender a partir da pergunta cinco, que se caracteriza como a pergunta central para toda a reflexão do livro, que os educandos assim como o personagem da história também tinham a mesma dúvida, ou dificuldade em responder a questão: Porquê somos diferentes? Só após a reflexão com o assunto das “heranças” e “descendências” as crianças tiveram conseguidas constituir e verbalizar argumentos lógicos para responder ao questionamento, Um dos alunos respondeu: “ah, tia, a pele é assim porque “puxou” a avó dele. Eu pareço com meu pai ele é “preto”. Ao que perguntamos e você acha ele bonito? Ele respondeu: Sim, tia, nós dois né!?. Notamos com isso a importância da afirmação e o encorajamento por parte dos educadores que as crianças esperam. “Os educadores são mediadores entre a criança e o mundo, e é por meio das interações que ela constrói uma autoimagem em relação à beleza, a construção do gênero e aos comportamentos sociais”. (BRASIL, 2006 p.38)

Assim, podemos notar que a dificuldade em compreender e responder a questão: Por que somos diferentes? foi superada. As crianças conseguiram verbalizar argumentos lógicos para explicar de onde vinham a cor e os “cachos” do cabelo de Ângelo.

A terceira etapa que traz uma história de valorização da beleza negra e da cultura africana. A personagem afirmava gostar do que via no espelho após conhecer suas “origens”.

Refletindo, a partir desse momento como as crianças questões que tenham como origem matrizes africanas, nos fez perceber a necessidade a importância de que a criança conheça a história da África, a fim de que seja possível construir uma consciência de si e das heranças que todos nós temos se não corporais em nossos traços, mas culturais em muitas de nossas manifestações e também alimentares, entre outras. Discutimos também o tratamento das características de cada um e o respeito pelo outro. Mostrando a partir dos desenhos que cada um produziu a importância de ser diferente, na cor da pele, no cabelo, e na estatura corporal. Na tentativa de construir um olhar diferente sobre o outro valorizando a história que cada um carrega.

Ter acesso a esse conhecimento faz com que as crianças compreendam e valorizem as diversidades. Como nos sugerem as Orientações para a Educação das relações étnico-raciais:

Outra forma de possibilitar uma visão positiva a respeito dos traços físicos das pessoas é trazer informações e histórias sobre os penteados em diversas culturas. Por exemplo, fazer tranças nos cabelos faz parte da tradição da população negra desde os tempos mais antigos no continente africano e nas diversas regiões do Brasil. [...] O mesmo cuidado deve ser dispensado às questões relativas à cor da pele; daí informações sobre a melanina, que dá coloração à pele, devem ser estudadas pelas crianças e compartilhadas com os adultos. (BRASIL, 2006, p.45)

Todas as crianças ficaram muito empolgadas com a oficina e em poder manejar os diversos materiais, pois muitos deles se constituíam algo novo a elas e que em poucos momentos lhes é oportunizado. É papel da escola oportunizar experiências sensoriais que estimulem suas percepções, criatividade e imaginação. Através da literatura e da oficina foi possível possibilitar o contato das crianças as variadas linguagens e símbolos presentes na sociedade de modo a ampliar suas habilidades de leitura e interpretação dessas linguagens.



Fonte: Dados da pesquisa

TECENDO CONSIDERAÇÕES

Nosso objetivo neste projeto foi levar para a sala de aula um tema que tem sido pouco discutido, principalmente nas séries iniciais, seguindo a perspectiva de Corsino (2012, p.101), que define projetos na escola como sendo “uma forma de vincular o aprendizado escolar aos interesses e preocupações das crianças, aos problemas emergentes na sociedade em que vivemos, à realidade fora da escola e às questões culturais do grupo”.

Nosso objetivo foi desenvolver práticas pedagógicas e reflexões na Educação Infantil pautadas na perspectiva da Lei nº 10.639/03 a fim de contribuir na disseminação de práticas que dessem visibilidade a criança e contribuíssem para a construção de uma autoimagem positiva de si.

A partir das ações desenvolvidas, notamos a carência de discussões relacionadas ao tema e confirmamos algumas das hipóteses iniciais que norteiam essa pesquisa sobre a

importância do trabalho das Relações Étnico Raciais para possibilitarmos não só visibilidades, mas principalmente a valorização das diferentes estéticas e culturas, sobretudo a negra, que é historicamente negligenciada no espaço escolar.

A literatura infantil tem muito a contribuir no tratamento das questões sobre pertencimento racial, e em estabelecer dessa maneira a promoção da igualdade e respeito. A leitura tem o poder de despertar em nós emoções das mais diversas e nos inserir no mundo da imaginação se constituindo como importante recurso capaz de despertar na criança, a constituição de diversas linguagens e a própria constituição do sujeito.

O nosso objetivo foi alcançado, conseguimos perceber o avanço dos alunos nos três dias de intervenção, percebendo as mudanças de pensamento e o fortalecimento do reconhecimento dos que já apresentaram no início.

A disciplina de estágio contribuiu muito para a nossa formação quanto futuros docentes, por nos inserir na prática educativa e elaborar um projeto de intervenção sobre algo que fosse inexistente na turma, para contribuir de maneira significativa naquela realidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012. p.47-61

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de; RODRIGUES, Tatiane Consentino. A criança negra, uma criança e negra. In: GOMES, Nilma Lino; ABRAMOWICZ, Anete (org.). **Educação e raça - Perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 128.

BARBOSA, Maria. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEB. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília: 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. KABENGELE MUNANGA. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: 2005. p.204.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006.

_____. Lei 11.645, de 10 de março de 2008 Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. **Diário Oficial da República**. Brasília, 2008.

CORSINO, Patrícia. Trabalhando com Projetos na Educação Infantil. In: CORSINO, Patrícia (org). **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas - SP: Autores associados, 2012. (Coleção educação contemporânea).

FARIA, Ana Lúcia G. Direito à infância: Mário de Andrade e os Parques infantis para crianças de famílias operárias na cidade de São Paulo (1935-1938). São Paulo, 1993. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da USP.

GIROTTI, Cyntia Graziella Guizelim Simões; CASTRO, Rosane Michelli de. O estágio curricular e a didática na formação de professores: desafios e possibilidades. **Educação**, Santa Maria - RS, v. 38, n. 1, p.177-190, dez, 2012.

DRUMOND, Viviane. Estágio e formação de docentes de educação infantil em cursos de pedagogia. **Olhares**, Guarulhos, v. 1, n1, p. 183-206, maio, 2013.

PANIAGUA, Gema; PALACIOS, Jesus. **Educação infantil: resposta educativa à Diversidade**. Porto Alegre: Artmed, 2007.